

PRECARIZAÇÃO: quando o trabalho rouba a vida



Quando falamos de precarização do trabalho, referimo-nos a um processo imposto pela burguesia, intensificado nos últimos anos pela crise mundial do capitalismo. A classe dominante utiliza os momentos de crise para aprofundar a exploração da classe trabalhadora, degradando as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores para maximizar a extração de mais-valia e aumentar os seus lucros. O avanço tecnológico, em vez de beneficiar amplamente a sociedade, é usado para aprofundar essa exploração em um sistema capitalista unicamente centrado na acumulação ilimitada de capital.

A precarização ocorre de diversas formas: flexibilização das leis do trabalho que prejudicam e fragilizam o lado mais fraco da relação, a do trabalhador, estagnação e redução salarial, diante do aumento do custo de vida, desregulação dos horários, eliminação de direitos, normalização de negociações individuais em

"Além de maximizar lucros e reduzir custos, ela procura fragmentar e enfraquecer a classe trabalhadora, dificultando a sua organização e conscientização..."

detrimento de negociações coletivas, difusão de empregos temporários, subcontratados e informais. Muitas vezes, essa precarização vem disfarçada de empreendedorismo, promessas de liberdade e flexibilidade. Esse processo é impulsionado por políticas de

direita que, ao longo das últimas décadas, têm marcado o nosso país.

O avanço tecnológico tem desempenhado um papel central na intensificação da precariedade. Ferramentas digitais e plataformas de trabalho possibilitam o controle das atividades dos trabalhadores, enquanto promovem a informalidade. Aplicações e sistemas automatizados eliminam postos de trabalho e transfe-



rem responsabilidades para os próprios trabalhadores, que acabam assumindo os custos de ferramentas e infraestrutura. Além disso, essas tecnologias fragmentam ainda mais a classe trabalhadora, dificultando a sua organização coletiva.

É importante realçar que essa precarização é uma estratégia consciente da burguesia. Além de maximizar lucros e reduzir custos, ela procura fragmentar e enfraquecer a classe trabalhadora, dificultando a sua organização e conscientização, enquanto as empresas beneficiam-se de novas formas de extração da mais-valia.

A classe dominante sabe que **uma classe trabalhadora unida e consciente tem um enorme poder em suas mãos, capaz de transformar o curso da história.**

No setor das Tecnologias da Informação, por exemplo, é comum o trabalho quarteirizado, em que uma empresa contrata outra, que por sua vez emprega um trabalhador para prestar serviço à primeira. Nesse cenário, o trabalhador fica sem vínculo com a empresa que paga pela sua força de trabalho, enfrenta contratos temporários e perde parte do que deveria ser o seu salário para a intermediária. Isso exemplifica como a precarização fragiliza as relações laborais e reduz a estabilidade na vida do trabalhador.



Apesar de ser conhecido por salários acima da média nacional, no setor das TIs, nos últimos anos houve uma estagnação salarial, “compensada” por benefícios “flexíveis” cujo uso é limitado. O trabalho remoto, amplamente presente no setor, traz desafios, como a perda de distinção entre casa e trabalho, afetando a saúde mental. A desregulação de horários, muito comum, leva trabalhadores a longas jornadas sem compensação adequada, como no caso de manutenções técnicas realizadas durante dias seguidos.

Os exemplos não param por aqui, mas deixam claro que **a precarização vai além de ataques a direitos e condições de trabalho.** É um ataque direto à qualidade de vida e à dignidade da classe trabalhadora, levando ao esgotamento físico e mental e comprometendo até mesmo a capacidade de imaginar um futuro livre dessa exploração. A precarização é, assim, uma poderosa ferramenta de dominação do capital sobre o trabalho, agravando desigualdades e consolidando o poder da elite.

Diante desse cenário, a resposta não é simples, mas cabe aos trabalhadores resistir, lutando de forma organizada e consciente contra todas as formas de precarização.

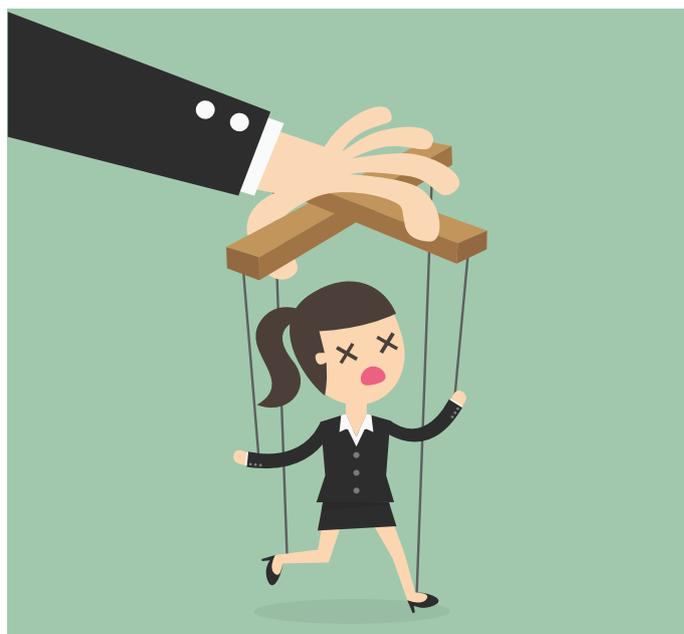
Quem gera a riqueza és tu!

É o teu trabalho e de todos os que trabalham que gera a riqueza do país. Essa riqueza não é gerada na bolsa, nos unicórnios ou pela inteligência artificial.

"Se és tu quem gera a riqueza, porque é que ficas com uma parte tão pequena?"

É o trabalho humano, consciente e com propósito, que cria bens para usufruto da sociedade. É só com o trabalho humano que se cria valor novo, que não existia antes de se iniciar a tarefa. As máquinas não criam valor; apenas o transferem para outro formato. O produto do trabalho pode ser um bem de consumo, a construção de uma estrada, ou o desenvolvimento de um software. Todas estas atividades trazem valor à sociedade e só podem existir com trabalho humano e trabalhadores.

Esse valor é gerado pelo trabalhador com o seu trabalho e, portanto, esse valor seria, numa sociedade socialista, para seu usufruto. Ainda não vivemos nessa sociedade. Na sociedade em que vivemos, que é capitalista, o trabalhador apenas recebe um pagamento, o salário, pela sua energia e tempo despendidos a trabalhar. **É o patrão, seja qual for a forma em que se apresenta, que se apropria do valor do trabalho e dispõe dele como bem entende.**



O conjunto dos trabalhadores tem, por isso, um poder enorme na nossa sociedade, porque, sem eles, deixa de ser criada nova riqueza. É por isso que os patrões e o capital, preferem que os trabalhadores estejam di-

vididos, para que não possam usar esta força, que pode mudar o mundo e melhorar as condições de vida de todos.

Se és tu quem gera a riqueza, por que ficas com uma parte tão pequena? E por que, além disso, não tens um contrato estável, direitos e boas condições de trabalho?

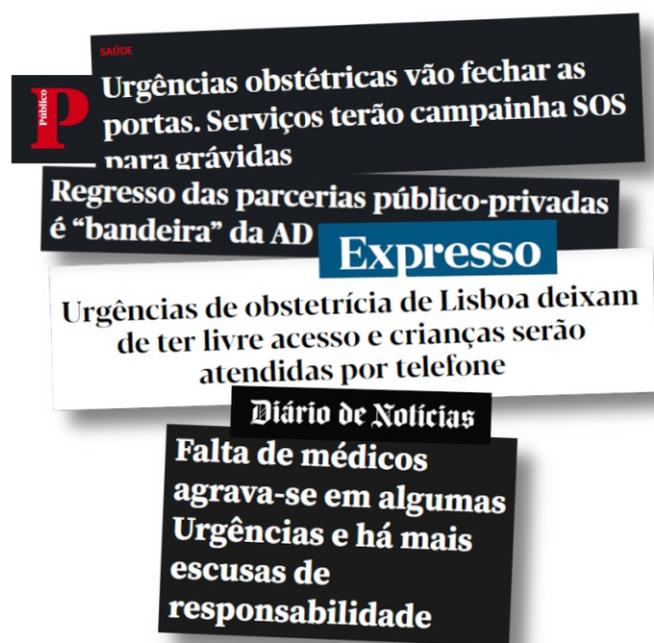
É altura de nós, todos os trabalhadores, recebermos uma quota maior do valor que produzimos todos os dias. É isso que significa o aumento dos salários: ter uma parte maior da riqueza que nós, trabalhadores, geramos.

Como conseguir isso? Negociando sozinho com o patrão? Ou unindo-te a outros trabalhadores que produzem riqueza como tu e que partilham também os mesmos problemas que tu?



A nossa saúde não é mercadoria.

O SNS enfrenta ameaças constantes, como cortes de investimentos, degradação contínua, e decisões políticas que favorecem a privatização direta ou disfarçada por parcerias público-privadas (PPPs). Diante deste cenário, é fundamental refletir sobre os impactos dessas políticas para a classe trabalhadora e reafirmar que a defesa de um sistema público robusto é



indispensável para a construção de uma sociedade mais justa.

A saúde é um direito fundamental, conquista de Abril, garantido pela Constituição e essencial à dignidade humana. O SNS é uma ferramenta poderosa para democratizar o acesso à saúde, contribuindo para a redução das desigualdades sociais. Ao oferecer acolhimento universal, o sistema garante que pessoas em situação vulnerável — frequentemente excluídas pelos sistemas privados — possam ter acesso a tratamentos, medicamentos e atendimento de qualidade. Essa inclusão transforma o acesso aos cuidados de saúde, outrora um privilégio de uns poucos, num direito efetivo para todos.

"Defender o Serviço Nacional de Saúde é proteger um dos fundamentos essenciais da igualdade e da justiça social"

Os benefícios do SNS vão muito além do atendimento médico. Através de campanhas de vacinação, programas de saúde da família e ações educativas, ele previne doenças e alcança até as comunidades mais isoladas. Ao democratizar tecnologias médicas de alta complexidade, o sistema promove inclusão e reduz iniquidades, construindo uma base sólida para uma sociedade mais saudável.

Defender o Serviço Nacional de Saúde é proteger um dos fundamentos essenciais da igualdade e da justiça social. Num país marcado por profundas desigualdades, o acesso público e gratuito à saúde representa uma conquista histórica da classe trabalhadora. O contínuo desmoronamento desse sistema ameaça não apenas a vida de milhões de pessoas, mas também o futuro de uma sociedade mais equitativa. Por isso, é urgente denunciar os impactos dessas medidas e unir esforços para assegurar que a saúde permaneça um direito e jamais se torne uma mercadoria.

Essa luta é coletiva e exige ação em todos os espaços: ruas, sindicatos, escolas e redes sociais. Não podemos aceitar que a saúde seja tratada como um bem de luxo, inacessível à maioria. Apenas a mobilização popular pode garantir um sistema de saúde que sirva ao povo, e não aos interesses do mercado. A saúde é um direito, e não descansaremos até preservá-lo!

O que é?

Mais-valia

A mais-valia é um conceito essencial para entender como funciona a exploração no capitalismo.

Formulado por Karl Marx, **significa o valor excedente gerado pelo trabalhador mas que é apropriado pelo capitalista.** Quando um operário é contratado, ele recebe um salário que representa apenas uma parte do valor que ele produz. A diferença entre o valor criado pelo trabalhador e o salário pago a ele é a mais-valia, que vai diretamente para o lucro do patrão.

Por exemplo, se um operário produz 100€ de valor em uma jornada, mas recebe apenas 30€ como salário, os 70€ restantes são mais-valia. Isso explica como o sistema capitalista acumula riqueza nas mãos de poucos, enquanto a maioria dos trabalhadores permanece em condições de exploração. É o motor da desigualdade no capitalismo, que o comunismo busca superar.



Habitação Digna: Compromisso Constitucional Ignorado

A habitação é um direito consagrado na Constituição da República Portuguesa. É a base para a organização da vida pessoal e familiar. Jamais deveria ser visto como uma mercadoria sobre a qual se pode especular.

Já há mais de 10 anos que os preços da habitação têm vindo a aumentar drasticamente, como resultado da especulação brutal causada por vários fatores. Fatores como a liberalização dos despejos (lei Cristas), a tendência crescente e desregulamentada de transfor-

mar casas e apartamentos em alojamento local direcionado ao turismo, a subida dos valores das prestações por decisão unilateral dos bancos, e a falta de limitações às subidas das rendas.

Como agravante de tudo isto, numa altura em que 90% dos empréstimos são feitos com taxa variável, os bancos preparam-se para acabar completamente com as taxas fixas, se estes não puderem cobrar pelas amortizações – uma medida profundamente injusta, que leva as pessoas a uma situação em que estão quase só a pagar taxas, em vez de pagarem a casa.

E, claro, uma crise de habitação como a que temos, não teria o nível de gravidade que tem sem a crise de salários que existe há muitos anos.

É, portanto, urgente tomar medidas que ajudem a resolver estes problemas. Colocar os lucros dos bancos a mitigar o impacto dos aumentos dos juros, mais oferta de habitação pública, o fim da lei Cristas, limitar a aquisição de habitações por fundos imobiliários, limitar, também, os poderes da banca na fixação unilateral dos custos no acesso à habitação, são algumas propostas do PCP para diminuir as desigualdades e garantir que todos possam ter acesso a uma casa para viver.



**AUMENTAR
SALÁRIOS
E PENSÕES**
para uma vida melhor



pcp.pt/queroassinar